



ÁLVARO DE CAMPOS

22. CORAÇÃO

A indiferença não é solução, porque a dor persiste.

Mário Eloy (1900-1951). Menino e varina. 1928. Col. M. A. Santos de Almeida, Lisboa.



«O meu coração romântico faz enigmas do egoísmo da vida.»

DILUENTE

A vizinha do número quatorze ria hoje da porta
De onde há um mês saiu o enterro do filho pequeno.
Ria naturalmente com a alma na cara.
Está certo: é a vida.
A dor não dura porque a dor não dura.
Está certo.
Repito: está certo.
Mas o meu coração não está certo.
O meu coração romântico faz enigmas do egoísmo da vida.

Cá está a lição, ó alma da gente!
Se a mãe esquece o filho que saiu dela e morreu,
Quem se vai dar ao trabalho de se lembrar de mim?
Estou só no mundo, como um peão de cair.
Posso morrer como o orvalho seca.
Por uma arte natural de natureza solar,
Posso morrer à vontade da deslembração,
Posso morrer como ninguém. . .
Mas isto dói,

Isto é indecente para quem tem coração. . .

Isto. . .

Sim, isto fica-me nas goelas como uma sanduíche com lágrimas. . .

Gloria? Amor? O anseio de uma alma humana?

Apoteose ás avessas. . .

Dêem-me Agua de Vidago, que eu quero esquecer a Vida!

29-8-1929

Álvaro de Campos — Livro de Versos . Fernando Pessoa. (Edição crítica. Introdução, transcrição, organização e notas de Teresa Rita Lopes.) Lisboa: Estampa, 1993: 111.